A Experiência do Sensível

Carolina Lixandrão

Resumo

Realizada a tradução do texto “Quem matou Emma Bovary?” presente no livro ‘Politique de la Littérature’ de 2007 do filósofo francês Jacques Rancière, segue uma nota introdutória e comentário aos conceitos como apresentados pelo autor. Este trabalho busca discutir a questão da identificação - ou como por vezes dito, confusão - entre literatura e vida e dos possíveis sentidos e leituras de Madame Bovary desde sua publicação: do julgamento de 1857 às suas críticas contemporâneas a questão narrativa entra e sai do âmbito da própria circulação do material literário. A ficção mesma do livro Madame Bovary parece tratar do tema; a negociação por parte de Emma entre a demanda de um aproveitamento entre o material e o ideal, a impossibilidade dessa realização e seu fim trágico. Em outro nível, porém, o próprio aspecto formal dessa obra parece apontar para outra resolução possível, no qual a própria narrativa conclui tragicamente: dentro desta confusão entre tessituras reais e ficcionais, o que se torna presente é a igualdade das sensações não só como problemática política mas também como forma literária; a reverie e o tédio se embrenham no paradigma de ação romanesca com força contrária, o romance sobre nada de Flaubert também é marco de um nova experiência burguesa do paradigma de ação, ou melhor, da não-ação e da descrição.

Palavras-chave:

Estética, Política, Teoria

Introdução

“Quando a literatura declarou, com Flaubert, que não haviam temas belos ou vis, não somente se acarretou um simples alargamento da esfera do representável. Se colocou em questão essa oposição entre ação e vida, que é indissolúvelmente poética e social.” (Rancière, J. 2007)

Essa própria divisão entre temáticas, ou o fim dela, diz sobre modos de circulação do objeto literário. No julgamento de Flaubert pela publicação do livro, a função moral que é cobrada por parte dos promotores do processo judicial já diz ela mesma sobre esse novo modelo de circulação entre livros e leitores: e se as leitoras se identificassem com Emma ao invés de tomar o romance por fábula edificante? O interessante do objeto literário, na sua produção e circulação, é a possibilidade de acontecer a qualquer um (pelo menos como mercadoria), desencadeando uma profusão de sentidos que a crítica literária pode se empenhar em conter, ou justamente toma-la como fenômeno social e formal. Esta profusão de sentidos que podem incidir sobre ‘qualquer um’ é pertinente dentro da própria ficção de Flaubert, como a própria Emma, leitora que exige o paradigma da ação romanesca do tédio de uma vida pequeno-burguesa. Por outro lado, essas forças antagônicas que afligem Emma se tornam pedra de toque do aspecto formal do livro.

Resultados e Discussão

Grande parte da pesquisa foi dedicada a própria tradução do texto, ainda inédito em português. Em

seguida, uma discussão conceitual buscará introduzir alguns conceitos e ideias concluídos da leitura.

Conclusões

“Palavras são esses seres sem corpos que possuem o poder de arrebatam as existências de suas destinações naturais. É assim que pessoas comuns que teriam o bastante em se ocupar com as preocupações de viver, de ganhar sua vida e reproduzir sua vida, se deixam exaltar com palavras como “liberdade” ou “igualdade” e consequentemente, querem ter sua palavra nos negócios do governo que não são de sua competência” (Rancière, J. 2007)

O aspecto formal desse paradigma da não-ação é desenvolvido em seus aspectos políticos: a narrativa como peripécia funciona quase como concessão à própria existência da forma romance; porém, no sentido contrário do de Emma vem a solução do autor: a reunião do conceito de vida e literatura na percepção da singularidade descritiva da reverie burguesa de Flaubert.

RANCIÈRE, Jacques. **Politique de la littérature**. Paris: Éditions Galilée, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **Why Emma Bovary Had to Be Killed** in Critical Inquiry 34. The University of Chicago. 2008

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Pocket, Paris, 1990.